

EDUARDO GERBER JUNIOR

Memórias de meu pai: Anita Leócadia Prestes entre história e memória

Mariana  
Instituto de Ciências Humanas e Sociais/UFOP  
2013  
EDUARDO GERBER JUNIOR

Memórias de meu pai: Anita Leócadia Prestes entre história e memória

Monografia apresentada ao curso de História do Instituto de Ciências humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção de grau de Bacharel em História. Orientador: Prof. Dr. Mateus de Henrique Faria Pereira

Mariana, outubro de 2012.  
Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ UFOP

## Agradecimentos

Agradecimentos são sempre perturbadores, pois existem muitas pessoas cujas quais eu gostaria verdadeiramente de agradecer, para tanto, sempre posso me esquecer de um ou de outro e acabo cometendo certas injustiças. Este trabalho é fruto de uma longa duração, por isso não posso esquecer-me deles que são fundamentais a minha permanência em um curso superior, como meus pais Eduardo Gerber e Joana Elza Gerber, muito mais do que meramente progenitores, foram pessoas que desenvolveram o meu caráter, além de serem companheiros, amigos e até estranhos na hora certa. Construtores desta minha família não tão numerosa, mas muito dedicada, é para ela que gostaria de dedicar estes escritos. Gostaria de agradecer a Fernanda Gerber, minha irmã, cuja persistência permitiu-me, mesmo com dificuldades naquela pátria distante, a realizar meus estudos finais para adentrar no ensino superior. Com justiça, que não posso me esquecer de agradecer as minhas tias Márcia Irala e Beatriz Pereira, cujo amor incondicional fazem delas minhas outras mães.

Tal igualmente gostaria de agradecer a todos que transpassam pela minha vida universitária, são tantos nomes e apelidos, que ficaria perdido de citar todos. Sendo assim, ficam eles representados a partir de suas casas tais como a república vulvaros e república diretoria, que mesmo sendo um estranho, me acolheram como um velho amigo. Por falar em amigos, gostaria imensamente de agradecer tanto aos amigos mais velhos, quanto aos mais novos: estes e nossas discussões foram basilares para fundamentarem inúmeras questões deste trabalho. Agradeço em primeiro lugar o mestre Tadeu Andrade, cuja amizade já perdura estes longos 20 anos e perdurará ainda mais. Não posso esquecer também dos amigos Luiz Pires, Mariana Waechter e a pequenina Iris, cujas as vidas são exemplo para mim. Agradeço também a Clara Nobre Camargo e a Juan Adan, amizades que já foram novas e agora enfrenta os testes do tempo e da distância. Com justiça, agradeço a Yuri Gomes Alvez e José de Sillos cuja maestria e inteligência ainda é fora do mundo. Em tempo, meu profundo agradecimento ao meu orientador prof. Dr. Mateus Henrique de Faria Pereira, uma pessoa especial misto de professor e amigo, cuja paciência desata todos os nós que a minha confusa cabeça consegue realizar.

Gostaria de agradecer também, aqueles que indiretamente, ou mesmo diretamente, me ajudaram com o que foi possível. Desde então, deixo o meu profundo agradecimento ao Instituto de Ciências Humanas e Sociais e todos os seus professores e funcionários. Deixo especial atenção ao seu “Toninho”, a secretária Rosemeyre e Marli,

além é claro de Maria Luiza do Cohis e Lindomar da seção de ensino, que muito me ajudaram em todas as dificuldades burocráticas. Agradeço a secretária da pós-graduação Janaína, que a muito me ajudou, quando ainda calouro em sua atenção na secretária do departamento de história.

Seria uma injustiça, também não homenagear aqui a Universidade Federal de Ouro Preto, pelo ensino público de qualidade e gratuito, além de suas fundações tais como a Fundação Gorceix e a Fundação Educativa de Radio e TV de Ouro Preto, que providenciaram assomos financeiros, que possibilitaram a minha estadia, mesmo nos tempos mais difíceis. Com isso gostaria também de agradecer a Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior, cuja ajuda financeira também foi fundamental para minha estadia em terras tão longínquas como esta. Justiça seja feita, Minas Gerais abraçou este paulista, de certa forma estrangeiro, a tal ponto que me fez feliz aqui, por isso gostaria de agradecer a mineira por entre todas as mineiras, Ana Alvarenga de Souza, dedico inteiramente este trabalho a você e toda minha família com todo o meu amor e carinho.

## Resumo

Pensar o tempo se confabula em lidar com instâncias um tanto quanto complexadas, principalmente quando tentamos nos colocar qual posição relativa que ocupamos ante o tempo e a história. Sendo assim, pretende-se investigar as possíveis relações entre a produção historiográfica e o conceito de democracia contidos no par lembra/esquecer. Utilizará assim a tese “*a Coluna Prestes*” de Anita Leocádia Prestes, como notório evento para se pensar a entrada aos anos 80 e fundamentalmente sua saída. Para tanto, recorre-se aos conceitos de memória e identidade, compreendidos como fundamentais à análise das representações do passado e da escrita da história.

Palavras-Chaves: Memória, História, Democracia, Anita Leocádia Prestes

## Abstract

To think the time is a construction with will lead with complexes instances, principally when we try put ourselves where then relative place with us occupy in the time and history. Thus, pretend with this work investigates the possible relationship between the historiography's production and the concept of democracy contained in the par remember/forget. So, we will be utilized the doctor degree thesis by Anita Leócadia Preste, like a notorious event to think the beginnings of the Brazilian 80's and your end. Moreover, we will be utilized the concepts of memory and identity, understood with fundamental analyses representation of past and his scribe.

Key-world: Memory, History, Democracy, Anita Leocádia Prestes

## Abreviaturas Utilizadas

USP	- Universidade de São Paulo
UFF	- Universidade Federal Fluminense
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
PUC-SP	- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-Rio	- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC-RS	- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
UFGO	- Universidade Federal de Goiás
FFCLSCJ/Bauru	- Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Sagrado Coração de Jesus Bauru, da Universidade Estadual de São Paulo
UFPE	- Universidade Federal de Pernambuco
UFSC	- Universidade Federal de São Carlos
UnB	- Universidade de Brasília
UNICAMP	- Universidade Estadual de Campinas
UFRJ	- Universidade Federal do Rio de Janeiro

## Sumário

Anita Leocádia Prestes e os anos 80, uma relação de história e democracia?.....	9
Anita L. Prestes um breve histórico.....	18
A obra de Anita L. Prestes.....	19
A memória em História.....	24

Esquecimento?..... 29

Referências Bibliográficas.....30

**"Quem controla o passado, controla o futuro; quem controla o presente, controla o passado... quem controla o passado, controla o futuro. Quem controla o presente agora?! "**  
**Gorge Orwell, 1984**

### **Anita Leocádia Prestes e os anos 80, uma relação de história e democracia?**

Pensar o tempo se confabula em lidar com instâncias um tanto quanto complexadas, principalmente quando tentamos nos colocar qual posição relativa que ocupamos ante o tempo e a história. A problemática que esta monografia traz consigo, está contida na expressão com que todo escrito historiográfico guarda um conteúdo político que muito se adiciona com a ideia de democracia, não quero com isto dizer que “a história é o produto mais perigoso que a química do intelecto elaborou”<sup>1</sup> como

---

<sup>1</sup> Valéry, Paul. *Regards sur le monde actuel*. Gallimard, Paris.1931. Pp. 63-64. *Apud*. LE GOFF, Jaques. *História e Memória*.Capinas: Editora da UNICAMP, 1990. Pp.-32

escreveu Paul Valery. O objetivo deste trabalho, não é ser rasteiro suficiente para passar despercebido pelas areias do tempo, porém nem tão profundo o suficiente, para que ela nos engula. Pensar uma história da historiografia recente pode, às vezes, tornar-se vazio, ou mesmo perpetuar certo relativismo rasteiro. Em uma época em que a tanto nos faz pensar sobre o lugar que os historiadores ocupam; nosso tempo nos permite a olhar para o que passou e articular ações importantes para nos relacionar ao mundo que se constrói. Para tanto, a saída ao relativismo, não se insere como uma categoria para este trabalho, a pretensão, também, não se constrói em dizer como se deveria escrever a história hoje, prefiro pensar a partir de François Hartog que diz que:

“houve alguma coisa como um momento historiográfico e podemos relacioná-lo justamente com o que venho te dizer, com o momento em que começamos a nos interrogar sobre as disciplinas, sobre os arquivos. Em poucas palavras, entramos em um momento reflexivo que podemos, em todo caso, relacionar com a mudança em nossa relação com o tempo”<sup>2</sup>.

Nesta medida, os apelos recentes acerca o pensamento historiográfico se configuram em uma temática interessante. Ademais, com a constatação de um esforço de pensar o tempo presente, historiadores trouxeram para o centro das discussões, questões que se aproximam de conceitos como: política, memória e muitas outras ferramentas de nosso fazer. Karl Marx no início de seu “18 Brumário” diz que:

“Os homens fazem a sua própria história; contudo, não fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas lhes foram transmitidas assim como encontram”<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> HARTOG, François. *Entrevista com François Hartog: história, historiografia e tempo presente*. Entrevistado por: RODRIGUES, Henrique Estrada; NICOLAZZI, Fernando. Ouro Preto: Revista História da Historiografia, n° 10, 2012. Pp.-357

<sup>3</sup> MARX, Karl. *O 18 brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011. Pp.- 25

Na fala do filósofo alemão é perceptível uma inquietação moderna na qual a palavra história é o designativo tanto para a ação da vida que transcorre no tempo, quanto para a ciência que produz a interpretação e reproduz essa ação da vida, talvez, como historiadores, esqueçamo-nos desta dupla base, e lemos a frase do Marx só com um dos vieses. Desde uma história do tempo presente à uma história problema, passando por qualquer caráter de análise (“engajada” ou “científica”), homens do presente estão pensando em seu passado. A injunção em que alguns historiadores arcam para si em sempre se situar em seus gabinetes e poucas vezes pensar fora deles, influi na conotação do artefato histórico, que acaba se empobrecendo, tanto em sentido, quanto em crítica, instâncias tais muito claras e caras a produção científica.

Expandindo ainda mais a discussão, Marx continua dizendo que:

“(…) A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem estar empenhados em transformar a si mesmos e as coisas, em criar algo nunca antes visto, exatamente nessas épocas de crise revolucionária, eles conjuram temerosamente a ajuda dos espíritos do passado, tomam emprestados os seus nomes as suas palavras de ordem, o seu figurino, a fim de representar a essa venerável roupagem tradicional (...)”<sup>4</sup>

Nesta dupla injunção o passado se torna aberto em relação a um futuro imediato, o novo chega numa íntima relação ao passado que denota a inflexão do presente<sup>5</sup>. Dois caminhos seguem por esta conotação, da “possibilidade à necessidade e [d]a (...) impossibilidade à contingência”<sup>6</sup>. Segundo o esloveno Slavoj Žižek “a tarefa da verdadeira historiografia (...) não é descrever os fatos como eles realmente ocorreram

---

4

*Idem.*

<sup>5</sup> C.f.: RICOEUR, Paul. “Die Geschichte selber”, “a própria história”. In: *A história, a memória e o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

<sup>6</sup> ŽIŽEK, Slavoj. *A visão em Paralaxe*. São Paulo: Boitempo, 2008. Pp.- 109

(...) a tarefa é, antes, desenterrar as potencialidades ocultas”<sup>7</sup>, ou “escovar a história a contra-pelo”<sup>8</sup>, como muito bem disse Walter Benjamin em suas teses sobre a história.

Desta conotação, o pensamento histórico guarda em si algumas instâncias subterrâneas a qual o interesse se sobressai quando em dado momento, acabamos por nos entendermos como criaturas históricas ou ditas e contidas em uma temporalidade. Como um fator de maior entendimento, trago a luz o dia 29 de novembro de 1989. Sua importância advém de que neste dia, a historiadora Anita Leocádia Prestes defendia a primeira tese<sup>9</sup> de doutorado em história do Rio de Janeiro. O seu trabalho abarcava um período histórico que, na época, vinha sendo altamente estudado<sup>10</sup>. Com um nome simplório de “A

---

7

*Ibidem.*

Pp-

110

<sup>8</sup>BENJAMIN, Walter. *Teses sobre o conceito de história*. Disponível em: <<http://mariosantiago.net/Textos%20em%20PDF/Teses%20sobre%20o%20conceito%20de%20hist%C3%B3ria.pdf>> acessado em 09/07/2013. Pp.- 3

<sup>9</sup> A Tese pode ser considerada a primeira do doutorado, pois segundo dados presente no livro “História no Brasil (1980-1989)” de Ronald Polito e Carlos Fico, o curso de doutorado em história só é instaurado no Rio de Janeiro a partir de 1984, constando apenas uma defesa nos anos de 1980, sendo está, no ano de 1989. Considerando que é apenas um dado estatístico, onde não se é falado o nome da tese em si, por lógica subentendesse ser a tese de Anita L. Prestes ser a primeira do gênero no estado do Rio de Janeiro, já que segundo o livro “A Coluna Prestes”, a sua orientadora do Mestrado Dr. Maria Yedda Linhares diz o dia da defesa, não restando dúvidas que A. L. Prestes, teria sido a primeira (C.f. POLLITO, Ronald; FICO, Carlos. *A História no Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação da historiográfica*. Ouro Preto: Editora da UFOP, 1992; observar também: LINHARES, Maria Yedda. Prefácio. In: PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997)

<sup>10</sup> “Os anos 80 tiveram um comportamento semelhante. Do total de 835 teses de doutorado de livre-docência e dissertações de mestrado, a História do Brasil representa aproximadamente 85% dos trabalhos,

Coluna Prestes”, Anita L. Prestes se posicionava em um cenário intelectual que vinha tomando expressão a partir da Universidade Federal Fluminense.

Mesmo sendo a defesa algo corriqueiro na vida de A. L. Prestes<sup>11</sup>, o doutorado em história foi um marco decisivo em sua carreira, já que era a primeira vez que ela havia entrado significativamente à história, tanto como ciência, quanto como lugar disciplinar. Como doutora em história, Anita pôde ao certo se firmar no cenário intelectual histórico que vinha se consolidando no Brasil. O fator que tanto chama a atenção é algo que a prof<sup>a</sup>. Dr. Maria Yedda Linhares, sua orientadora a época, relatou que “a defesa (...) contou com a presença inesquecível (...) de Luiz Carlos Prestes, pai da autora, maior inspirador e colaborador desta obra”<sup>12</sup>. Dito como herói e grande inspirador dos escritos, duplamente como pai da historiadora e espectador de sua própria obra de vida ali contada, Luiz Carlos Prestes se situava em posição análoga a de Ulisses no canto VIII da *Odisséia*<sup>13</sup> onde após um farto banquete ouve “a Musa (...) a falar sobre os feitos

---

um pouco acima do período anterior. O período colonial apresentou um crescimento mínimo (14,1%), o período imperial caiu (26,5%) e o período republicano continuou crescendo acentuadamente (59,2%)” (POLLITO, Ronald; FICO, Carlos. *A História no Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação da historiográfica*. Ouro Preto: Editora da UFOP, 1992. Pp.-53)

<sup>11</sup> Era mestre e bacharel em química pela extinta Universidade do Brasil e doutora em Economia pela universidade de Moscou (informações do Currículo Lattes página <<http://lattes.cnpq.br/9123702879001302>>).

<sup>12</sup> LINHARES, Maria Yedda. Prefácio. In: PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Pp.-7

<sup>13</sup> HOMERO. Canto VIII. In: *Odisséia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

dos homens, gestas de heróis, cuja fama o alto céu, nesse tempo atingira, a dissensão entre Aquiles Pelida e Odisseu, tão falada (...)"<sup>14</sup>.

Neste momento, o fato une duas temporalidades que se distendem em pensar o nosso fazer historiográfico, tanto Luiz Carlos Prestes, quanto Ulisses escutam o périplo de suas próprias façanhas (ainda vivos), chegando estas a se comparem como epopéias. De um lado a ciência histórica para falar desta ousadia, do outro a poesia proferida pela boca da musa; ambas as experiências são resguardadas pelo feixe do passado e da condição própria do tempo<sup>15</sup>.

Aristóteles a muito fazia a distinção entre e história e poesia, dizendo que enquanto uma falava das coisas como ocorreram; a outra falaria das coisas como deveriam ter sido<sup>16</sup>, porém o que se possibilitaria pensar nesse trabalho, não são diferenciações, mas igualdades. Dentre um e outro, se evoca o status das prerrogativas de memória e de formas de controle sobre o passado<sup>17</sup>. A cultura histórica atinge um ponto de inflexão

<sup>14</sup> *Idem.* Pp.- 73-75

<sup>15</sup> C.f.: RICOEUR, Paul. História remédio ou veneno. In: RICOEUR, Paul. *A história, a memória e o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

<sup>16</sup>O trecho de Aristóteles se refere a este aqui reproduzido na íntegra: “Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postos em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa) — diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder”. (ARISTÓTELES. *Aristóteles*. São Paulo: Nova cultural, 1991. Pp.- 256)

<sup>17</sup> Acerca a noção de controle do homem sobre o tempo, podemos detonar uma passagem de Jaques Le Goff, onde ele diz: “Que relações tem a história com o tempo, com a duração, tanto com o tempo "natural"

nos anos 1980, concomitantemente o Brasil irá sofrer de uma verdadeira enxurrada política, principalmente ao o que concerne os movimentos das diretas e o fim completo da ditadura militar.

Nesse sentido, os anos oitentas – época de produção do trabalho de Anita L. Prestes – são o grande aporte para se pensar esses pontos de toque. Porém quando falamos dos anos 80, precisamos entender em que aspecto ele se estabelece, já que foi a partir de 1971 que o curso de história havia iniciado um ganho de expressão em termos acadêmicos, é neste período que pós-graduações eram inauguradas em diversos lugares do Brasil, “(...) Entre 1971 e 1974, foram instalados 8 cursos de pós-graduação , na USP, UFF, UFPR, PUC-SP, UFGO, PUC-RS FFCLSCJ/Bauru (posteriormente desativado) e UFPE (...)”<sup>18</sup>. Embora, “(...) todas estas pós-graduações eram cursos de mestrado, à exceção da USP, com doutorado (...)”<sup>19</sup>, é um fator interessante pensar que mesmo em outros períodos posteriores, a produção acadêmica profissional pode se pensar em consolidação no meio do período militar. Toda via, é somente a partir de 1977, que de fato existe uma consolidação destes cursos “(...) Na segunda metade dos anos 70, iniciaram suas atividades mais 4 cursos de mestrado, na UFSC, UnB, UNICAMP e UFRJ”<sup>20</sup>. Da mesma forma os anos da década de 80 do século XX, assiste a criação de poucos cursos de pós-graduação, segundo C. Fico e R. Polito:

---

e cíclico do clima e das estações quanto com o tempo vivido e naturalmente registrado dos indivíduos e das sociedades? Por um lado, para domesticar o tempo natural, as diversas sociedades e culturas inventaram um instrumento fundamental, que é também um dado essencial da história: o calendário; por outro, hoje os historiadores se interessam cada vez mais pelas relações entre história e memória”. LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Capinas: Editora da UNICAMP, 1990. Pp.- 7.

<sup>18</sup>POLLITO, Ronald; FICO, Carlos. A História no Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação da historiográfica. Ouro Preto: Editora da UFOP, 1992. Pp.- 33

19

*Idem.*

20

*Idem.*

[N]os anos 80 tiveram número bem menor de cursos de mestrado criados, apenas 5, 2 entre 1980/1984 e 3 entre 1985/1989: UNESP/Assis (1980)UNESP/Franca (1980), UFRGS (1985), UNISINOS (1987) e PUC-RJ (1988). Houve Uma expansão dos cursos de doutorado, com a criação de mais quatro, na UFSC (1981), na UFF (1984), na UNICAMP (1984) e na PUC\_RS (1966)<sup>21</sup>.

Mas um expressivo aumento de vagas e produções. Neste sentido, pensar certa evolução das temáticas nos traz certos significados deste momento, como anteriormente dito, existe certo domínio da história do tempo presente sobre a produção de outros tipos de história, C. Fico e R. Polito mostram que:

“Há uma certa estabilidade do número de pesquisas sobre o período colonial, que está a merecer uma revisão integral de sua bibliografia. Com respeito aos estudos sobre o período republicano, mantêm-se geralmente estáveis os níveis percentuais de interesse entre os períodos de 73/79 e 80/89. Mesmo que se verifique, um crescimento de trabalhos sobre História do Brasil pós-64, segmento, contudo, com baixa representatividade numérica nos dois períodos. Ou seja, dos trabalhos sobre a época republicana, 42,8% referem-se à primeira república (1889-1930). 23,2% ao período 1930-1964 e 7,5% ao período pós-64, além dos que abordam fases múltiplas do período republicano (...)”

A explicação destas temáticas pode estar guardada naquele presente, que se continha a produção historiográfica da época.

O que se incorre em pensar é certo apelo em que o conceito de história irá se estabelecer ante a democracia. A dupla formada pela história e poesia que se soergue ante o dia 29 de novembro quase se concatena a pensar o momento histórico presente no mundo grego, já que a epopéia de Ulisses e a história estão intimamente relacionadas com aquele mundo, ademais, quase por uma relação de sentido, por trás das duas um conceito de democracia ali sobrevive. Os anos oitentas brasileiro, neste sentido,

---

21

*Idem.*

apresentam uma profunda preocupação democrática, já que sua antípoda ainda será muito presente. O interessante está no mérito que estes historiadores dão a história recente. A história contida nos tempos recentes (como veremos mais a frente) irá dar a tona das problemáticas do político na produção historiográfica, sendo assim, na fabricação e questionamento de produções históricas que apresentam concretude ante o tempo presente de fala e com isso os inúmeros problemas que dela se sobressai. Não se entende assim, pensar a impossibilidade da produção do relato historiográfico dado a proximidade temporal do objeto, mas mostrar sua latência em critérios que se constituem autocrítica, análise condizente e objetividade.

Ao ver uma observação *en passant* de Voltaire, onde, em seu pirronismo histórico, afirma que os jovens de sua época se interessavam mais pela a história recente do que pela história antiga é um fato importante a se pensar<sup>22</sup>. A cultura histórica atual apresenta certo receio em querer escrever a história daqueles que não morreram em seu sentido mais simbólico possível, o que é possível na visualização de trabalhos acerca o mundo colonial, e inícios do império. Em se tratando, de se pensar em escritos antigos, suas histórias ainda foram recentes a aquele presente histórico. A dimensão da proximidade do relato eram dimensões importantes para aqueles que na antiguidade escrevinhavam a história, já que esta apresentava um forte laço de pertencimento e de ação política<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> A passagem em específico diz assim: “inspira sobretudo aos jovens mais gosto pela história dos tempos recentes, que é para nós uma necessidade, do que pela antiga, que não passa de uma curiosidade; que cogitem que a [história] moderna tem a vantagem de ser mais certa, pelo próprio fato de ser moderna.(VOLTAIRE. O Pirronismo da história. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Pp.- IX)

<sup>23</sup> Mesmo Voltaire irá reconhecer que é por mais fabulosa que possa parecer algumas partes da “história de Heródoto” ela assim mesmo é história, contida e reconhecida em dimensões que beiram a precisão, com rigor ou não, tanto Heródoto, quanto Tucídides inauguram um novo modo de articular o pensamento acerca o tempo. Tanto, que Luiz Costa Lima, irá trazê-los a tona para pensar os lugares de fimbria entre ficcionalidade e historiografia, segundo o autor: “Observa-se, contudo, que a preocupação com a linguagem do historiador, com suas estratégias expressivas, não tem como condição

Nesta perspectiva, a ponta de toque, hora aqui falada se insere no estatuto que a história vai buscar para si. Nascida na *polies* grega à palavra história se relacionava a tentativa de concentrar às diversas inter-relações entre as memórias em disputa: o termo história advém do grego antigo ἵστωρ (*histor*), que significava a pesquisa, ou mesmo o conhecimento advindo da investigação<sup>24</sup>; era um dos processos dos quais os juízes da antiga *hélade* se utilizavam para depurar a verdade em seu julgamento<sup>25</sup>. A busca do traço convergia-se em uma tentativa da reprodução do histórico na dignidade de estabelecer o que estaria certo, ou errado, mas também de que maneira se processava o

---

negá-lo como autor de um discurso específico e distinto do ficcional. Afirmar (...) que a atenção para o modo como o historiador seleciona o que relata só importa para verificar se distorce o que sucedeu chega a ser mais empobrecedor que a posição que rejeita. O cuidado com a construção textual pressupõe que já não se tome a linguagem como simples modo de referência de conteúdos factuais. Preocupar-se com a construção do texto não supões considerar-se a verdade (*alétheia*) uma falácia convencional; a procura de dar conta do que houve e porque assim foi é o princípio diferenciador da escrita da história. Ela é sua aporia. (COSTA LIMA, Luiz. História, Ficção, Literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Pp.-37)

<sup>24</sup> “Esse termo, que em geral significa pesquisa, informação ou narração e que já em grego era usado para indicar a resenha ou a narração dos fatos humanos, apresenta hoje uma ambigüidade fundamental: significa, por um lado, o conhecimento de tais fatos ou a ciência que disciplina e dirige esse conhecimento (*historia rerum gestarum*) e, por outro, os próprios fatos ou um conjunto ou a totalidade deles (*resgestaê*)” ABBAGNANO, Nicola. Verbete História. in: Dicionário de filosofia. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007. Pp.- 502

<sup>25</sup> ἵστωρ or ἵστωρ, Boeot. φίστωρ Schwyzer 491, etc., ορος, ὁ, ἡ:— A. one who knows law and right, judge, “ἐπὶ ἵστορι πεῖραρ ἐλέσθαι” Il.18.501; “ἵστορα δ’ Ἀτρείδιην Ἀγαμέμνονα θείομεν ἄμφω” 23.486; φίστορες” witnesses, IG7.1779 (Thespieae); “τῷ τεθμίω φίστωρ” Schwyzer 523.64 (Orchom. Boeot.); “θεοὺς πάντας ἵστορας ποιεύμενος” Hp.Jusj.init., cf. Poll.8.106. II. Adj. knowing, learned, Hes.Op.792; ἵ. τινός knowing a thing, skilled in it, “ὠδῆς” h.Hom.32.2; “ἐγγέων” B.8.44; “κάγω τοῦδ’ ἵ. ὑπερίστωρ” S.El.850 (Iyr), cf. E.IT1431, Pl.Cra.406b. (From φίδ-τωρ, cf. Εἶδω, οἶδα: ἵστωρ acc. to Hdn.Gr.2.108, etc.). LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. A Greek-English Lexicon. revised and augmented throughout by. Sir Henry Stuart Jones. with the assistance of. Roderick McKenzie. Oxford: Clarendon Press, 1940.

certo e o porquê que era certo; o que acionava isso era a narrativa, ou a forma de narrativizar. Ou seja, o juiz meramente por dizer aquilo que ocorreu, incorria em demonstrar pelos fatos, não só sua tese, mas a verdade por traz dos relatos.

O conhecimento histórico assim se encaminharia no desenho que expressa à relação particular entre a representação de uma linguagem falada em um misto de fixação e desfixação da experiência, já que implicava em um jogo de lembrar e esquecer, contidas na duração relativa que criava a noção de passado/presente/futuro<sup>26</sup>. Segundo Mateus Henrique de Faria Pereira “o conhecimento histórico é traço e expressão de uma relação particular entre a escrita, a memória, o tempo e a morte”<sup>27</sup>.

A expressão do fim da vida logo adicionada a conceitos como memória, escrita e tempo representam a finitude, ora invocada na separação do tempo, já que o tempo não faz sentido ante a eternidade, ou o infinito<sup>28</sup>. A relação de disputa é importante, pois se baseia no litígio jurídico, por isso que incorre pensar os mistos de esquecimento e lembrança. É na produção historiografia que se alça a dupla relação, tanto quando se

---

<sup>26</sup> “Adiciono o futuro na assertiva, já que era dali que o Juiz retirava o seu julgamento”.

<sup>27</sup> PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Como (re)escrever a história do Brasil Hoje. Uberlândia: Revista História e Perspectiva nº 40, 2009.pp.- 152

<sup>28</sup> “Acreditamos dar um passo decisivo substituindo a noção de presença pela passagem, de transição, na esteira de asserção anterior. ‘É no momento em que passam (...) que medimos os tempos, quando os medimos percebendo-os’. A fórmula especulativa parece advir à certeza prática. Deverá contudo, também sucumbir à crítica, antes de retornar, precisamente, como distentio, graças à dialética dos três presente. Enquanto não tivermos formado a ideia da relação distendida entre espera, memória e atenção, não compreenderemos nós mesmos quando repetirmos uma segunda vez: ‘ No momento pois em que o tempo passa, ele pode ser percebido e medido’ . (RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa: Tomo I. Campinas: Papyrus Editora, 1994. Pp-25)

eleva um acontecimento como memorável, mas também, quando em suas entrelinhas se esquece o mesmo, segundo M. H. F. Pereira:

É preciso acrescentar, ainda, que o “tempo presente” é igualmente o lugar de um trabalho de esquecimento. “O esquecimento nos conduz ao presente” – escreve Marc Augé na conclusão de seu *Les formes de l’oubli* –, mesmo se ele se conjuga em todos os tempos: no futuro, para viver o (re)começo; no passado para viver o retorno; em todos os casos para não repetir<sup>29</sup>. Do contrário, corremos o risco de submeter o presente ao passado, de nos tornarmos “prisioneiros do passado”. Nessa direção, tanto a memória quanto o esquecimento “devem se colocar a serviço da justiça”<sup>30, 31</sup>.

Desta relação encontra o contra-ponto da memória, a sua disputa na *hélade* clássica se conformará na configuração de um saber que articula a “narração dos fatos humanos”<sup>32</sup> e “os próprios fatos ou um conjunto ou a totalidade”<sup>33</sup>, uma distinção, a qual, é muito presente nos escritos de Hannah Arendt quando ela diz que:

---

<sup>29</sup> Augé, Marc. *Les formes de l’oubli*. Paris: Payot & Rivages, 1998, p.122. *Apud.* PEREIRA, Mateus. H. F. . *A História do Tempo Presente: do futurismo ao presentismo?*. Humanidades (Brasília), v. 58, p. 56-65, 2011. Pp.- 59

<sup>30</sup> Todorov, Tzvetan. *Les abus de la mémoire*. Paris: Agnès Reyrolle, 2005, p.61. *Apud. Idem*

<sup>31</sup> PEREIRA, Mateus. H. F. . *A História do Tempo Presente: do futurismo ao presentismo?* Humanidades (Brasília), v. 58, p. 56-65, 2011. Pp.- 59

<sup>32</sup> ABBAGNANO, Nicola. *Verbetes História*. in: *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007. Pp.- 502

“O fato de que toda vida individual, compreendida entre o nascimento e a morte, pode vir a ser narrada como a uma história com princípio e fim, é a condição pré-política e pré-histórica da História, a grande história sem começo nem fim. Mas o motivo pelo qual toda vida humana constitui um história e pelo qual a História vem a ser, posteriormente, o livro de história da humanidade, com muitos atores e narradores, mas sem autores tangíveis, é que ambas resultam da ação”<sup>34</sup>.

A relação complexa entre a história como escrito e a história como a temporalidade transcorrida, se constitui na configuração de que ao mesmo tempo em que o juiz é a lei, é seu interprete. Essa preocupação do justo é que irá se inserir em demonstrar uma constatação presente de envolvimento político.

Não por acaso Maria Yedda Linhares, irá ressaltar que a obra de A. L. Prestes é “(...) produto de uma preocupação acadêmica e de uma paixão política(...)”<sup>35</sup>. No dia de sua arguição Anita L. Prestes irá ser questionada acerca de sua objetividade. Em entrevista recente<sup>36</sup> a germano-brasileira ressaltara que havia produzido história, pois considerava um desperdício a riqueza de informações em sua volta e nenhuma atenção dada; seria ela diletante de uma causa: salvar do esquecimento os reconhecidos feitos de seu pai e transluzir justiça a uma política da memória. Advinda de um fervor historiográfico dos anos 1980 Anita L. Prestes encarna um dos inúmeros sinais de latência democrática, seus escritos se polarizam tal como uma Grécia antigos preceitos

---

<sup>34</sup> ARENDT, Hanna. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2008. Pp.-197

<sup>35</sup> LINHARES, Maria Yedda. Prefácio. In: PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Pp.-13

<sup>36</sup> TV CAMERA - Julho de 2002 (Programa Memórias Políticas: Entrevista com Anita Leocádia Prestes)

fundamentais da disciplina histórica. Já que ela guarda consigo a dinâmica da observação, pensada estas em uma relação de finitude, onde irá relacionar intimamente história e memória. Ao contrário da poiesis (ποίησις<sup>37</sup>), a histor (ἵστωρ) se comporá em uma afinidade ao litígio, pensando a ampla relação, não só de identificação, mas construção coletiva da memória, esta, pensada e adensada na confrontação pública. Anita L. Prestes é argüida em sua banca acerca de sua objetividade, já que devido à proximidade com o seu objeto, ela tinha sido questionada se haveria a possibilidade de alguma contaminação de seus escritos pelo afetuoso sentimento que ela nutria por seu pai.

É um momento dúbio, já que seu pai está lado-a-lado na argüição, e a questão recai sobre a capacidade interpretativa de Anita L. Prestes, e não meramente no problema de sua fonte, porém a capacidade interpretativa dela só é possível devido ao vício de sua fonte. Na condição ela é, ao mesmo tempo, a melhor e a pior das pessoas para se contar uma história acerca a coluna prestes. A escolha deve ao fato de que Anita Leocádia Prestes consegue emaranhar muitas das condições relacionadas aos nossos conceitos de

---

<sup>37</sup> ποίησις, εως, ἢ, A.fabrication, creation, production, opp. πράξις (action, v. Arist. EN1140a2, Pol.1254a5), [μύρου] Hdt.3.22; “νεῶν” Th.3.2, etc.; “ἡ τῶν ζώων π.” Pl.Smp.197a; “ἡ τῶν μελῶν π.” Id.Grg.449d; “μίμησις π. τίς ἐστίν, εἰδώλων μέντοι” Id.Sph.265b, etc.; “αἱ ὑπὸ πάσαις ταῖς τέχναις ἐργασίαι ποιήσεις εἰσὶ” Id.Smp.205b. 2. of Poetry, ἡ τῶν διθυράμβων π., τῆς τραγωδίας, τῶν ἐπῶν, Pherecr.145.10, Pl.Grg.502a, 502b, R. 394c: abs., art of poetry, “οἱ ἐν π. γινόμενοι” Hdt.2.82, cf. Ar.Ra.868, etc.; “οὕτως . . . ἀταλαιπώρως ἢ π. διέκειτο” Id.Fr.254; οἱ ἄκροι τῆς π. ἑκατέρας, i.e. tragedy and comedy, Pl.Tht.152e; “ῶδαι καὶ ἡ ἄλλη π.” Id.Phdr.245a; π. ψιλῆ ἢ ἐν ῶδῃ ib.278c. b. poetic composition, poem, “ἐς ποίησιν ἐσενείκασθαι” Hdt.2.23, cf. Th.1.10, etc.; “περὶ ὧν Ὀμηρος τὴν π. πεποίηκεν” Pl.Ion531d: pl., Id.Lg.829e. II. = εἰσποίησις, adoption, in pl., Is.7.1, D.44.7, al.; κατὰ ποίησιν ibid., Michel836.5 (Didyma, ii B.C.); “ποιήσει υἱοί” D.H.4.7; “τῆ παρ’ ὑμῶν π. πολίτης” D.20.30.2. in collect. sense, those adopted, “τῆς π. ἦν ἐκεῖνος ἐποίησατο” Id.44.61. III. method of procedure, in Magic, PMag.Par.1.1248. LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. A Greek-English Lexicon. revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones. with the assistance of. Roderick McKenzie. Oxford: Clarendon Press, 1940.

produção do conhecimento histórico, assim sendo, constitui uma carga importante e sensível a ser analisada. As memórias nos escritos de Anita irão ser pensadas como o meio caminho andado entre conjunções de construção do conhecimento histórico e a configuração de um enlace sentimental com o passado. Para ela muitas das coisas que defrontariam o nosso próprio fazer, estão jogados como categorias latentes em sua produção historiográfica. Um dilema interessante, onde largamente poderíamos adicionar uma relação entre história, memória e política.

### **Anita L. Prestes um breve histórico**

Nascida em uma prisão feminina nazista em Berlim, seu nascimento já é a ponta de um grande acontecimento; tendo a história por sua constituição, ela já é descendente dos ares de um fato histórico. Seus pais, dois grandes agentes do comunismo: Luiz Carlos Prestes (famoso líder comunista que salta aos olhos na condição em que se consagrou como o “Cavaleiro da Esperança” e que irá trançar alguns dos grandes destinos do período republicano brasileiro) e Olga Bernário Prestes. A separação dos dois: uma “intentona”<sup>38</sup> comunista. Sua mãe grávida foi levada a Alemanha enquanto seu pai permanecera preso em uma solitária no Brasil. Ela havia sido afastada de sua mãe já pequena, fruto de uma campanha internacional encabeçada por sua avó paterna (Leocádia Felizardo Prestes). Com 14 meses de idade, Anita L. Prestes foi entregue à dona Leocádia F. Prestes. Desde então, passou por vários países, até se estabelecer no México. Só foi encontrar seu pai aos nove anos de idade no Brasil, quando este havia saído da prisão por causa de uma anistia.

Anita L. Prestes graduou-se em 1964 em Química Industrial pela Escola Nacional de Química, da antiga Universidade do Brasil. Em 1966 obtém o título de mestre em Química Orgânica<sup>39</sup>. Posteriormente, sua militância em plena ditadura militar rendeu-lhe um mandato de prisão do qual só conseguiu escapar exilando-se na URSS.

---

<sup>38</sup>

Relativizo este termo, pois este é a consagração de uma de uma imagem posta pela imprensa e o poder de Getulio Vargas, relacionados a uma diminuição do movimento.

<sup>39</sup>

Em 1975, graduou-se doutora em Economia e Filosofia pelo Instituto de Ciências Sociais (Rússia) <sup>40</sup>. Em 1989 (um ano antes da morte de seu pai) obteve o título de Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense<sup>41</sup>, depois de sua guinada à história, Anita produziu vasta bibliografia<sup>42</sup> e por fim constitui terreno forte, principalmente quando em 1994 adentrou o quadro funcional da Universidade Federal Fluminense como professora. Ministrou diversas disciplinas nessa instituição, tanto na graduação<sup>43</sup>, quanto na pós-graduação<sup>44</sup>, constituindo grupos de pesquisas e coordenando, também, pesquisas e publicações acadêmicas<sup>45</sup>.

---

40

Com a tese: O Capitalismo Monopolista de Estado no Brasil e suas particularidades.

41

Com a tese: A Coluna Prestes

42

PRESTES, Anita Leocádia. *La Columna Prestes*. Havana: Fondo Editorial Casa de las Américas, 2011 ;  
PRESTES, Anita Leocádia. *Os comunistas brasileiros (1945-1956/58): Luiz Carlos Prestes e a política do PCB*. São Paulo: Brasiliense, 2010; PRESTES, Anita Leocádia. *Uma epopéia brasileira - a Coluna Prestes*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009; PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora: os caminhos da luta antifascista no Brasil (1934/35)*. São Paulo: Brasiliense, 2008; PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes: patriota, revolucionário, comunista*. São Paulo: Expressão Popular, 2006; PRESTES, Anita Leocádia (Org.) ; PRESTES, L. (Org.) . *Anos Tormentosos - Luiz Carlos Prestes: correspondência da prisão (1936-1945) Vol. I*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2002; PRESTES, Anita Leocádia (Org.) ; PRESTES, L. (Org.) . *Anos Tormentosos. Luiz Carlos Prestes: correspondência da prisão (1936-1945) Vol.II*. São Paulo e Rio de Janeiro: Paz e Terra e APERJ, 2002; PRESTES, Anita Leocádia (Org.), PRESTES, L. (Org.) . *Anos Tormentosos. Luiz Carlos Prestes: correspondência da prisão (1936-1945) Vol.III*. São Paulo e Rio de Janeiro: Paz e Terra e APERJ, 2002; PRESTES, Anita Leocádia. *Da insurreição armada (1935) à "União Nacional"(1938-1945): a virada tática na política do PCB*. São Paulo: Paz e Terra, 2001; PRESTES, Anita Leocádia. *Tenentismo pós-30: continuidade ou ruptura?*. São Paulo: Paz e Terra, 1999; PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes e A Aliança Nacional Libertadora: Os Caminhos da Luta Antifascista No Brasil (1934/35)*. PETROPOLIS: VOZES, 1997; PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes*. SAO PAULO: Paz e Terra, 1997; PRESTES, Anita Leocádia. *Uma Epopéia Brasileira: A Coluna Prestes*. SAO PAULO: MODERNA, 1995; PRESTES, Anita Leocádia. *Os Militares e A Reação Republicana: As Origens do Tenentismo*. PETROPOLIS: VOZES, 1994.

## **A obra de Anita L. Prestes**

Para se pensar nos escritos de Anita L. Prestes, este trabalho se concentrará unicamente no livro “a Coluna Prestes”, que é sua tese de mesmo nome publicada pela editora Paz e Terra. A obra de dividirá em três passos, primeiramente Anita L. Prestes irá expor o seu aporte teórico e uma análise da bibliografia relacionada, posteriormente ela irá analisar o que determinou o movimento, neste ponto a autora tratará aspectos econômicos, políticos e ideológicos. É neste ponto que ela invoca para si uma aparência ao mesmo tempo científica, analítica. Ao descrever o movimento como algo apolítico, ela irá introduzir toda uma estrutura de análise para conseguir localizá-lo, a tese central neste sentido, é que as camadas médias estavam embebidas por um clamor revolucionário, clamor este impossibilitado de se aflorar devido à mão férrea do Estado. Devido a isso, surge uma ideologia chamada de tenentismo<sup>46</sup>, o nome advém do fato de que inúmero das revoltas e dos revoltosos advirem de grupos de tenentes do exército, isto porque, segundo a tese de Anita, estes constituíam os únicos agentes sociais capazes

---

43

Ministrou as Seguintes disciplinas na graduação: Os Militares e a Política na República Velha; História Econômica e Social do Brasil; A política do PCB (anos 1920-1940); da República Oligárquica ao Estado Novo: Militares e política; História do Brasil III; Pensamento Social Brasileiro no Séc. XX; Tópicos de Brasil III; Tópicos de Brasil IV

44

Ministrou as seguintes disciplinas na Pós graduação: Os Militares e a Política na Primeira República; Marxismo e História Política – a problemática da transição: da República Oligárquica ao Estado Novo (um estudo de caso); Os militares e a Política da República Velha ; Tenentismo: historiografia e história.

45

É Membro do corpo editorial das seguintes revistas: Revista de História Comparada, Revista do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Revista Crítica Marxista

46

Termo inclusive que surgiu posteriormente ao movimento.

de se revoltar contra o Estado vigente. Para tanto, é da radicalização do tenentismo, que este se encontra como ponto alto a coluna prestes. Já a terceira parte do livro se embebe de um todo descritivo, sendo que esta parte poderia ainda ser dividida em mais três, sendo estas: O levante do Rio Grande do Sul; a junção com os rebeldes de São Paulo e a sua epopéia pelo Brasil e em ultimo lugar a relação com as populações rurais e os ecos tenentistas.

Em sua tese Anita L. Prestes distende seu trabalho a partir de dois grandes vetores: da mesma forma que ela necessita provar cientificamente seu tema, sua maior fonte é sem dúvida alguma os relatos de seu pai. Isso pode ser sentido em todo o escrito, mas em especial, no modo que ela vai se estabelecer ante ao cenário acadêmico já constituído. Para tanto, ao analisar a maneira como ela irá elaborar a crítica a outros escritos, tange como um plano importante. Sempre colocados como um segundo plano explicativo, os escritos historiográficos pré-estabelecidos irão resguardar inúmeros problemas na visão da escritora, pois estes não elaborariam uma relação mais específica com “fontes diretas”.

O livro já inicia com algumas tônicas constitutivas de suas dificuldades, críticas e embasamentos para a sua história, além é claro das histórias que se soergueram acerca os tenentistas. Logo de início A. L. Prestes ressalta que mesmo sendo “considerável a bibliografia referente ao tenentismo”<sup>47</sup>, está é assim mesmo “insatisfatória”<sup>48</sup>. Isto, porque, incapaz de alçar através de uma explicação satisfatório a “importância, influência e repercussão”<sup>49</sup> da coluna. Ao pensar sobre a produção já constituída sua crítica se compraz na maneira redutora dos outros escritos, principalmente ao que concerne na separação férrea promovida por alguns autores acerca a sociedade brasileira e seu exército. Com uma aproximação maior de pensadores da Unicamp, ela rapidamente se vincula a uma matriz marxista que se basearia em um forte empuxo econômico<sup>50</sup>, conjuntamente com um aspecto cultural. Se pensarmos rapidamente os

---

47

PRESTES, Anita Leocádia. A coluna Prestes. São Paulo: Paz e Terra, 1995. Pp.- 23

48

Idem.

sete anos de sua escrita, questões fundamentais se transpassaram no cenário intelectual fluminense. Segundo o historiador fluminense Francisco José Calazans Falcon:

“Ao longo dos anos 1980 e 1990 uma série de questionamentos e indagações veio pôr em dúvida a sobrevivência da História como disciplina ao colocar em dúvida a possibilidade mesma de algo como o *conhecimento histórico* e o próprio conceito de *discurso histórico*”<sup>51</sup>.

Sendo assim, sua guinada a um núcleo mais duro do marxismo<sup>52</sup>, possibilitaria a Anita L. Prestes se contrapor a “história cultural”<sup>53</sup> que acompanhava um “prestígio crescente”<sup>54</sup> dentro do cenário fluminense. A postura da historiadora se caminharia

---

49

Idem.

50

Anita L. Prestes inicia sua obra a partir de uma discussão econômica, no texto ela diz: “Partindo da visão marxista da correspondência dialética entre base econômica e a superestrutura política e ideológica, em que a última é determinada e condicionada pela, julgamos ser fundamental a compreensão das mudanças que ocorreram no modo de produção” (PRESTES, Anita Leocádia. A coluna Prestes. São Paulo: Paz e Terra, 1995. Pp.- 53)

51

FALCON, Francisco José Calazans. A historiografia fluminense a partir dos anos 50/60: algumas direções e pesquisa. In: GLEZER, Raquel. Do passado para o futuro. Edição comemorativa dos 50 anos de Anpuh. São Paulo: Editora Contexto, 2011. Pp.- 43

52

Cf.: PRESTES, Anita Leocádia. O marxismo como método de análise. In: A coluna Prestes. São Paulo: Paz e Terra, 1995. Pp.34-37

53

Ibidem. Pp.- 44

54

assim na dupla tensão entre uma história mais tradicional e aquela que vinha tomando um novo fôlego, mesmo tendo uma saída de crítica aos escritos anteriores. Com a perspectiva de dar um lugar a seu pai na história, ela não podia deixar de lado explicações mais totalizantes que conglomeravam grandes questões das quais se encaixariam núcleos tidos e contidos das famosas meta narrativas.

Para tanto, é nesta medida, que ela vai se posicionando hora em relação a um cenário de produção histórico, hora em sua própria produção. Com o enfoque cultural dado por marxistas ingleses (que ainda carecem de trabalhos sobre sua recepção de debate no cenário intelectual brasileiro), tratado aqui como novo respiro advindo de historiadores como E. W. Thompson, Perry Anderson e Eric Hobsbawm, Anita irá fazer a tona de um caminho de análise que irão passar por entre discussões que transpassam a historiografia em diversos âmbitos, sendo eles regionais, nacionais e internacionais. A crítica que A. L. Prestes perfaz a historiadores anteriores se inserem assim em um duplo: ser taxativa em relação aos aspectos de como as fontes eram utilizadas, ademais, fontes que em sua maioria provinham de membros de sua família; e um reforço documental estrondoso. Uma matriz advém da crítica tradicional, porém a outra matriz adivinha da crítica ao que comumente se chamou de pós-modernismo. O que parece se tratar de um *modus operandi* da época<sup>55</sup>. Nesta medida, os escritos da germano-brasileira se constroem na

---

Idem.

55

Francisco José Calazans Falcon também trata sobre esta temática, segundo ele: “Costuma-se sublinhar na passagem dos anos 1980 aos 1990 o prestígio crescente da história cultural, tomando pouco a pouco o lugar da história das mentalidades. Todavia, pouco se comentam outras características das tendências historiográficas: o fortalecimento das abordagens biográficas e descritivas, em geral pautadas pelo acaso; tendência a deixar de lado os sistemas explicativos pautados, em geral pautados pelo acaso; a tendência de deixar de lado os sistemas explicativos globais, substituindo-os por explicações de curto ou médio alcance. Essas e outras características historiográficas ajudam talvez a compreendermos por que em que sentido as abordagens históricas do anos 1990 e do novo milênio tendem, muitas vezes, a se opor com veemência às construções explicativas mais amplas ou totalizantes dos anos 1960 e 1970” (FALCON, Francisco José Calazans. A historiografia fluminense a partir dos anos 50/60: algumas direções e pesquisa. In: GLEZER, Raquel. Do passado para o futuro.

tensão entre a vontade de representação de um todo conjuntural e a imagem de seu pai. Num jogo de escala, a tensão se constrói na tentativa de buscar um lugar para Luiz Carlos Prestes.

Parte e todo são questões das quais se conjugam em um ir vir, isto porque existe um comprometimento do qual Anita L. Prestes não pode abnegar que é a extrema desconfiança que recai sobre seus escritos. Com um tom de equilíbrio entre um ideológico e o científico, sua narrativa se emaranha na descrição densa. Tais fatores, é claro, não conseguem destruir a sua estrutura de análise, que mesmo com qualquer desconfiança soerguida, ainda é poderosa, isto porque ela tenta a partir de um elo de confiança construir uma tonalidade mais atrelada as suas fontes do que a historiografia. Sendo assim, ela primeiro trabalha para deslegitimar qualquer preconceito que possa ser dirigido a ela, para posteriormente escrever sua paixão política. Isto, pois, muitos dos documentos apresentados por Anita L. Prestes, são documentos produzidos pelos próprios combatentes. Em uma eminência histórica, a condição de produção dos acontecidos, sempre é marcada por um olhar para o futuro. Disso é possível notabilizar na maioria das fotografias por ela representada. Ao que conta a própria autora, existia uma briga, na época, que se estendia inclusive no modo com que se recebia a informação, diversos jornais eram espalhados pelo o Brasil, cada um a sua maneira noticiavam o ocorrido, fica nítido, quando da batalha de Tupaceretã, então perdida por Prestes segundo um dos jornais e desmentida por Anita L. Prestes em comparação com uma antiga carta de Luiz Carlos Prestes, em sua tese a autora diz:

“assim, no combate de Tupaceretã não houve vencidos nem vencedores, não tendo sido significativas as baixas de ambas as partes. Mas o governo não perderia a oportunidade de tentar explorar a situação, procurando apresentar perante a opinião pública, um quadro de derrota dos revolucionários. (...) o jornal oficial do governo de Borges de Medeiros, *A Federação*, noticiava uma ‘estrondosa derrota dos rebeldes em Tupaceretã’ (...) O que realmente aconteceu ficou registrado em carta enviada por Prestes ao major assistente da 1ª Brigada Carlos Abreu dos Santos Paiva”<sup>56</sup>

Em contra-partida, os rebeldes fazem do outro lado do fronte, um próprio jornal, para concorrer com o de Borges Medeiros:

“Durante os meses de novembro-dezembro, enquanto as forças rebeldes, acampadas na região de São Luís, iam se preparando

“Durante os meses de novembro-dezembro, enquanto as forças rebeldes, acampadas na região de São Luís, iam se preparando para o confronto que, mais cedo ou mais tarde, teria que se dar com as tropas inimigas, era editado, na cidade, um pequeno jornal, que entraria para a História como o órgão da revolução”

A peculiaridade do trecho acima, se concebe na maneira que detidamente os soldados faziam guerra, não só física, quanto psicológica, segundo a autora os homens se entendiam como revolucionários, a tal ponto que tudo que pegavam dos lugares que passavam, tinha um controle para que se pudesse devolver após a vitória da “revolução”<sup>57</sup>. Este controle detido sobre o futuro, é que denota o vício da fonte. Mesmo muito crítica em relação a outros autores, Anita L. Prestes, não é tão crítica em relação a seu pai, ademais o episódio de Tupaceretã, anteriormente tratado, dá o tom de que maneira Anita circula entre uma versão e outra, isso, porque podemos frisar a utilização da palavra revolução. Mesmo não sendo inteiramente a favor do termo revolução ela o uso de modo indiscriminado, o que pode ser sentido quando no início do livro Anita diz:

“Naqueles longínquos anos 20, havia uma constante movimentação da jovem oficialidade do Exército, que conspirava, preparava levantes (...) e, finalmente, teria alguns de seus elementos mais destacados à frente da Coluna Prestes. Tratava-se muito mais de um estado de espírito revolucionário, do que de um movimento nitidamente estruturado; estado de espírito este que atingia não só os jovens oficiais, como amplos setores da população e, principalmente, a chamada opinião pública nacional”<sup>58</sup>.

Quando comparado este trecho com a parte que fala da batalha de Tupaceretã, podemos notar uma disputa entre os termos “revolucionários” e “rebeldes”, estes dois termos podem estar relacionados à dupla repartição da sociedade, os rebeldes se entendiam como revolucionário, a tese de Anita ao entender como uma revolução se esvai em uma ideia do espírito revolucionário, que ela estende a toda “opinião pública nacional”, seja lá o que isso possa ser. Mesmo fazendo uma análise fenomenal acerca de movimentos

---

<sup>57</sup>

Para mais informações ver: PRESTES, Anita Leocádia. A coluna Prestes. São Paulo: Paz e Terra, 1995. Pp.- 157

<sup>58</sup>

Ibidem. Pp.-91

apartidários, cujos quais, poderíamos sem muito anacronismo transpor as revoltas recentes do Brasil, ela acaba concordando rapidamente com sua fonte, o que torna análise mais problemática, já que aos poucos ela vai saindo de um enlace mais histórico acadêmico e entra em um espaço mnemônico emocional.

Isto pode ser nítido, quando a historiadora irá refletir sobre a saída do cerco de São Luis, quando, deliberadamente autora irá desmentir uma fonte fidedigna, por esta estar na posição de civil:

“Os episódios, que a seguir teriam lugar, seriam profundamente deturpados pelo adversário, permanecendo, em grande parte inéditos para gerações posteriores. Embora Sandy Valle Machado – ex-ajudante-de-ordens de Prestes – tivesse registrado em livro, com a colaboração do jornalista S. Dias Ferreira, uma versão aproximada dos acontecimentos, sua condição de civil e de elemento que não se encontrava a par dos meandros dos planos e das manobras do comando rebelde faria com que o relato – ainda que o único existente e de inegável valor – incidisse numa série de erros e imprecisões”<sup>59</sup>

A desvalorização de um relato tido como “único”<sup>60</sup> e de “inegável valor”<sup>61</sup> em prol de uma aproximação mais militarizada se incorre que em uma relação de conflito de memórias, ao qual ela irá valorizar a memória de Prestes. Mas não só apenas isso, mas que se ressalte uma guerra de movimentos que Anita L. Prestes rapidamente irá chamar de “guerra de guerrilha”<sup>62</sup>, algo que a autora irá dizer ser inédito no Brasil.

## **A memória em história**

---

59

*Ibidem.* Pp.- 142

60

*Idem.*

61

*Idem.*

62

*Ibidem.* Pp.- 146

Mesmo contidas em uma revelação política, não podemos anular o intuito de verdade em seus escritos, isto porque os próprios tenentes, posteriormente, tomado o poder tentaram apagar os seus rastros, isto se revela na própria capacidade de Anita L Prestes de conseguir rastrear uma quantidade maior de fontes<sup>63</sup>. O pensamento mnemônico de Luiz Carlos Prestes será o ponto mais culminante para nortear a análise. Anita L. Prestes chega a apontar um descaso e um esquecimento da coluna, a pergunta que fica e é o por quê deste esquecimento?

De fato, Luiz Carlos Prestes logo após a retirada da coluna para Bolívia e sua completa dissolução, terá contato com o comunismo, fazendo dele líder comunista. A lembrança de um episódio famoso cuja liderança tenha mudado de lado nas forças políticas fazia com que para muitos dos ex-tenentes e principalmente ao governo Vargas fosse maligna. Entre uma relação de história e memória, penso caber a pergunta: Será que o que Anita L Prestes escreve pode ser verdadeiro?

A resposta se reforça em pensar as dificuldades tanto políticas, quanto mnemônicas que se constrói sobre seu escrito, se é verdadeiro? Tudo leva a crer que sim. Porém isto não mora na própria capacidade de Anita L. Prestes, mas, mais uma vez, em sua fonte. As memórias de Prestes, assim, é o único enlace para se dizer o que se passou. Porém, tal como as memórias de Prestes, os escritos de Anita L. Prestes guardarão os mesmos problemas. Como dito no início as formas de preposição que inventamos para lidarmos com o tempo são inúmeras (calendários, relógios, até computadores são utilizados como tal), mas mesmo assim não sobrepujam a condição de nossa memória. O pequeno milagre de lembrar<sup>64</sup> é, há muito, a primeira expressão

---

63

No início da Tese Anita L Prestes diz: “a pobreza de contribuição fornecida à nossa historiografia por alguns dos principais protagonistas da Coluna Prestes, contrasta, paradoxalmente, com as possibilidades de que eles dispuseram, a partir da vitória do movimento de 1930, para financiar e patrocinar a pesquisa do episódio”. (PRESTES, Anita Leocádia. A coluna Prestes. São Paulo: Paz e Terra, 1995. Pp.- 24)

64

“Posso dizer, a posteriori, que a estrela norteadora de toda a fenomenologia da memória foi a idéia de memória feliz. Ela estava dissimulada na definição da visada cognitiva da memória pela fidelidade. Fidelidade ao passado não é um dado, mas um voto. Como

que se insere na composição de algo que se sucedera e a confissão de que algo irá ocorrer. Sentimos o tempo, pois lembramos. É da lembrança ativa que se perfaz a marca do tempo em nós e transfigura-se o percurso do humano. Porém, esse “nós” apresenta uma dignidade muito mais do que carne ou um conglomerado de homens: ele se insere em uma subjetividade que está sempre em situação de transbordamento: o tempo tem a grande capacidade de nos inscrever e, com isso, dar-nos identidade<sup>65</sup>.

A identidade hora colocada se constituirá a partir da relação próprio do comunismo na tona da vida pública nacional. Para tanto urge-se a necessidade de se pensar memória

---

todos os votos, pode ser frustrado, e até mesmo traído. [...] Nessa condição, esse desejo não é o primeiro vislumbamento como um voto, mas como uma pretensão, uma reivindicação – um *claim* – onerado por uma aporia inicial cujo enunciado me agradou repetir, a aporia que constitui a representação presente de uma coisa ausente marcada pelo selo da anterioridade, da distância temporal. Ora, se essa aporia constituiu um real embaraço para o pensamento, ela nunca foi erigida em impasse. Assim, a tipologia das operações mnemônicas foi, do princípio ao fim, uma tipologia dos modos de ultrapassagem do dilema da presença e da ausência. [...] Considero o reconhecimento como o pequeno milagre da memória. Enquanto milagre, também ele pode faltar. Mas quando ele se produz, sob os dedos que folheiam um álbum de fotos, ou quando do encontro inesperado de uma pessoas conhecida, ou quando da evocação silenciosa de um ser ausente ou desaparecido para sempre, escapo o grito: “É ela! É ele!” E a mesma saudação acompanha gradualmente, sob cores menos vivas, um acontecimento rememorando, uma habilidade reconquistada, um estado de coisas de novo promovido à “reconhecimento”. Todo o fazer-memória resume-se assim no reconhecimento” (RICOEUR, Paul. *A Memória, a História e o Esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.Pp.- 502).

65

“the central tenet of Ricoeur’s Narrative trajectory is that stories concern human action ‘what people did or suffered either in the real, the historical, or the fictional world’. [...] According to Ricoeur, in the telling, we both communicate and configure our identity”. Tradução livre: O princípio central da trajetória Narrativa de Ricoeur é que estória diz respeito à ação humana “o que as pessoas fizeram ou sofreram, seja no mundo real, seja no histórico ou no ficcional’. [...] De acordo com Ricoeur, ao contar. Nós, tanto comunicamos, quanto configuramos nossa identidade. (DUFFY, Maria. The pedagogy

através destes escritos para enfim relacionar a inscrição ativa no tempo. A tese hora aqui levantada é que por mais que o acontecimento possa ter ocorrido, a maior parte das fontes foram perdidas, restando apenas Luiz Carlos Prestes. Anita L. Prestes, fica assim ser encarcerada entre duas confrontações com o passado. Na primeira, pode se pensar a vontade ativa dos tenentes de serem lembrados. Na segunda o seu movimento de esquecimento. Entre um equilíbrio entre história e memória, a história de Anita L. Prestes vem para evitar o esquecimento, ou seja, para compensar o excesso de memória. Deste modo a memória é aquele que ao mesmo tempo nos possibilitar lembrar, ao mesmo tempo, que faz um par com esquecimento, isso se deve ao modo que ela se inscreve em nossas vidas.

A inscrição no tempo nos localiza em nossa vivência. Como estruturação primária existe aquele que foi; aquele que esta sendo; e aquele que será. Da localização, infundimos um interlúdio narrativo, ora próximo ao passado, ora mais próximo do futuro; é desta relação que possibilitamos extrair a condição do testemunho, tão cara à história – logicamente tal característica não é plenamente íntima da memória, mas também da história, anteposto de modo magistral nas condições de narrativa, memória pode infundir narrativa, porém, narrativa na história se insere com o principio de sua enumeração e descrição, além, é claro, da explicação. Sendo assim, a memória transborda-se em nossa vida, em nosso espaço<sup>66</sup>, em nossa cultura em nossa

---

of pardon. Pp- 25)

66

Para além de um total esfacelamento da memória, na conotação de uma estruturação fugaz da comunidade, do grupo, a relação com que ela apresenta nas coisas se torna constituição primar (Cf.: NORA, Pierre. *Entre História e Memória: o problema dos lugares*): O lugar de memória, para tanto, são todos aqueles, com que a humanidade se derramou, deixando não só sua cultura, mas suas aspirações, isto invoca a relação que a identidade apresenta ante a memória, na dialética do lugar vivido. É da multiplicidade destas “coisas” do passado que vão se formando camadas temporais de memória, assim como a poeira vai se acumulando pouco a pouco até se tornar espessa e por fim dura; a vivência humana vai acumulando coisas, seus fazeres, a ponto de que a espessura histórica vai criando camadas sobre camadas, camadas tais de memória, memória física, locais de memória; mas também memória na cultura, na língua, e deste modo no testemunho. “A transição da memória corporal para a memória dos lugares é assegurada

língua<sup>67</sup>. O que em muito relaciona o nós, não são simplesmente os corpos no espaço, mas a sua deformação sobre ele e com isso o que de mais fortuito a operação mnemônica nos traz: a de demonstrar o passado.

“Para falar sem rodeios, não temos nada de melhor que a memória para significar que algo realmente aconteceu, ocorreu, se passou *antes* que declarássemos nos lembrar dela. Os falsos testemunhos [...] só podem ser desmascarados por uma instância crítica cujo único recurso é opor aos testemunhos tachados de suspeitos outros testemunhos reputados mais confiáveis”<sup>68</sup>

O que transtorna no falso, ou verdadeiro, é aquela capacidade com a qual a memória pode se constituir turva, “uma ambição, uma pretensão está vinculada à memória: a de ser fiel ao passado”<sup>69</sup>, mas como qualquer pacto de fidelidade, ainda pode falhar, a falibilidade da memória é muitas vezes associada à imagem, pois esta, em si, cerceia seus limites: é no limiar da imagem, que ajustamos o limiar da memória. Na dialética da identidade, a disfunção da memória é marca deste “nós”, não só como marca humana, por atos importantes como orientar-se, deslocar-se, e acima de tudo, habitar. É na superfície habitável da terra que nos lembramos de ter viajado e visitado locais memoráveis” (RICOEUR, Paul. *A Memória, a História, o Esquecimento*. pp.-57)

<sup>67</sup>

Hans- Georg Gadamer distende de forma fundamental a relação da linguagem, com as concatenações do pré-conceito como estrutura primária da análise hermenêutica; para além de um enlace de memória, a linguagem que nós herdamos é condição de estruturação da compleição hermenêutica anteposto a nossa existência, tratando-se assim não meramente de uma consideração plena da memória, mas também da relação de existir (o *Dasein* – ser e estar – de Heidegger) muito cara a escola hermenêutica alemã e para o filósofo Paul Ricoeur. Cujas idéias são de extrema importância para a estruturação deste projeto. Para mais informações ver: GADAMER, Hans- Georg. *Verdade e Método I*. Pp.- 354 à 361

<sup>68</sup>

RICOEUR, Paul. *A História, a Memória, o Esquecimento*. pp.- 40 e 41

<sup>69</sup>

RICOEUR, Paul. *Ibidem*. Pp.- 40

mas como marca no tempo que vai designar a constituição de um todo simultâneo que sobrevive a este nós do presente.

Os problemas concernentes a memória dentro dos escritos de Anita L. Prestes se transbordam na demonstração ativa da problemática do esquecimento que alça lado-a-lado o dilema presente da rememoração. Desta forma, se insere nas problemáticas aqui construídas no início deste trabalho, como transmitido por Mateus H. F. Pereira, quando ele diz que: “É preciso acrescentar, ainda, que o “tempo presente” é igualmente o lugar de um trabalho de esquecimento”<sup>70</sup>, ele também trabalha com a tona de uma construção histórica que se baseia no equilíbrio com a memória.

A memória, portanto, pretende-se, significativamente, como parte integrante do ofício do historiador, no sentido de que é dela a substância viva que nos faz ter o pequeno clarão de que o “mundo passou” e é propriamente importante este passar, pois nos indica a sucessão no tempo, afinal de contas, como diz o ditado árabe: "os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais"<sup>71</sup>. A memória se pretende como ponto importante em nosso fazer, pois é a partir de sua própria relação com o passado, que, pode-nos indiciar as coisas que se procederam. A memória, como signo único da própria condição do tempo, é para nós a primeira denúncia, de que, realmente, algo aconteceu.

Anita L. Prestes assim, é feliz em sua empreitada, já que devido aos íntimos esquecimentos acrescenta história a memória do evento, conseguindo assim, não só um lugar para o seu pai, mas uma salvação do esquecimento, trabalhar com a constância da verdade implica no apelo íntimo das memórias do seu pai. A memória, assim, é do passado do mesmo modo como o seu clarão nos demonstra o presente: presença que se transfigura em nossa danação e nosso viático. Daquilo que *foi*, mas não *é* mais, porém, reverbera na *presença presente* de um *ente ausente*: *ser* nesta condição, implica na sucessão. Mas não somente isso, seu enlace se dá pela imagem, sua presença é

---

70

PEREIRA, Mateus. H. F. . *A História do Tempo Presente: do futurismo ao presentismo?* Humanidades (Brasília), v. 58, p. 56-65, 2011. Pp.- 59

71

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Apresentação à edição brasileira. In: BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou o ofício do historiador*. Pp.- 7

imagética, o que enfim nos conduz às condições veritativas. Sua relação única com o tempo, também se transborda na condição de sua existência: pois a memória é efêmera no sentido de sua imagem. Sua aparição há muito se encontra no esforço vindouro do presente.

Nesse sentido, os limites entre imaginação e memória se alteram: e duas frações que poderiam estar longínquas, muito se aproximam, visto que, na medida em que ambas são muito próximas, haveria poucas distinções daquilo que se lembra e, que se imagina. Demonstrando assim, não apenas sua relação objetual de interlúdio direto com o tempo demonstrado num caminho rápido e cristalino, mas também a possibilidade com a qual uma lembrança pode ser alterada pela própria imaginação.

É do enlace entre memória e história que o viático completa-se, pois o caminhar da memória enfim influirá na própria história, não por uma concepção naturalista, mas pelo próprio apelo do humano, a história, de forma geral, ou como um remédio de uma memória doente ou como veneno de uma memória sadia<sup>72</sup>, é possível graças à concepção da constituição discursiva do tempo, premendo-se assim de veracidade e no limite rememoração, ambas, história de Anita L Prestes e memória a memória de Luiz C. Prestes, compartilham a interlocução com o esquecimento. Quando a historiador explica, irá apresentar os mesmos problemas concernentes as memórias de L. C. Prestes, principalmente no que está relacionado a sua narratividade.

Nesta medida, Anita L. Prestes irá trabalhar também em uma linha tênue entre memória e esquecimento. Sua história é tanto de lembranças, quanto de esquecimento; mesmo quando contidas nas possibilidades de salvar do esquecimento os acontecimentos da Coluna Prestes.

“na medida em que a lembrança se dá como imagem do que foi antes visto, ouvido experimentado, aprendido, adquirido; e é em termos de representação que pode ser formulado o alvo da memória enquanto é dita do passado [...] Assim, será fortemente enfatizado o fato de que a representação no plano histórico não se limita a conferir uma roupagem verbal a um discurso cuja coerência estaria completa antes de sua entrada na literatura, mas que constitui propriamente uma operação que tem o privilégio de trazer à luz a visada referencial do discurso histórico”<sup>73</sup>.

---

72

## Esquecimento?

Neste último momento, falta articular as condições de sua recepção. Este trabalho carece de pensar isto, pois a recepção de Anita L. Prestes ao certo é imprecisa. Sabe-se que o livro teve boa entrada em Cuba, isto pode ser perceptível pelo prêmio *Casas de las Américas*, concedido a publicação de sua tese em 1990. O prêmio faz parte de um setor da diplomacia cubana e classifica junto a estes diplomatas os melhores livros segundo diversas categorias. Não foi possível rastrear em que categoria ao certo ela tenha ganhado, mas possivelmente seria de melhor trabalho em história. Paralelamente *Fondo Editorial Casa de las Américas* publicou em 2011 uma versão em espanhol da tese em Havana, o que faz dela ainda lida em Cuba.

De certa forma, o livro “A coluna prestes”, assim como a tese homônima de Anita L. Prestes, foi esquecido, ademais este fora apagado de qualquer lembrança historiográfica. Na lista recentemente elaborada por F. J. C. Falcón sobre os livros produzidos no ambiente fluminense nem se quer consta tal livro. Ademais Anita L. Prestes irá fazer parte integrante por muitos anos do departamento de história comparada, uma pós-graduação em história concorrente com a própria pós-graduação em história social da UFF, em seu texto acerca o cenário fluminense F. J. C. Falcón toca de modo extremamente obscuro acerca o departamento. Fruto de um repensar retrospectivo advindo das comemorações de trinta anos da ANPUH, o texto de Falcón, estabeleceria os ares mnemônicos com o passado. A pergunta que hora fica é se Anita L. Prestes foi esquecida?

A resposta não tão fácil, na verdade e pergunta que vem conjuntamente está na afirmativa: Por que esquecer Anita?

Talvez estamos assistindo uma daquelas ironias da repetição do tempo proferida por K. Marx<sup>74</sup>. Seriam, então, pai e filha esquecidos? Mesmo com respostas em aberto a pista de constitui no duplo processo da qual o marxismo sofre em sua completa aniquilação. O fim deste trabalho advém assim, de um questionamento e de uma

---

73

RICOEUR, Paul. *A História, a Memória, o Esquecimento*. pp.- 248

74

MARX, Karl. O 18 brumário de Luís Bonaparte. São Paulo: Boitempo, 2011

provocação. Ao tratar sobre o cenário fluminense, na construção F. J. C. Falcón, quase ninguém é marxista nos anos 1980. A pergunta que se sobressai se encontra em um mero e simples: por que?

### **Referências Bibliográficas**

ABBAGNANO, Nicola. Verbetes História. in: *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007

ARENDT, Hanna. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2008.

ARISTÓTELES. *Aristóteles*. São Paulo: Nova cultural, 1991

BENJAMIN, Walter. *Teses sobre o conceito de história*. Disponível em: <<http://mariosantiago.net/Textos%20em%20PDF/Teses%20sobre%20o%20conceito%20de%20hist%C3%B3ria.pdf>> acessado em 09/07/2013.

COSTA LIMA, Luiz. *História, Ficção, Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DUFFY, Maria. *Paul Ricoeur's Pedagogy of Pardon: A Narrative Theory of Memory and Forgetting*. Nova York: Continuum, 2009

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método vol. I*. Petrópolis: Editora Vozes. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2002.

GLEZER, Raquel. *Do passado para o futuro*. Edição comemorativa dos 50 anos de Anpuh. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

HARTOG, François. *Entrevista com François Hartog: história, historiografia e tempo presente*. Entrevistado por: RODRIGUES, Henrique Estrada; NICOLAZZI, Fernando. Ouro Preto: Revista História da Historiografia, nº 10, 2012.

HOMERO. Canto VIII. In: *Odisséia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001

LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones. with the assistance of Roderick McKenzie. Oxford: Clarendon Press, 1940

MARX, Karl. *O 18 brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011

POLLITO, Ronald; FICO, Carlos. *A História no Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação da historiográfica*. Ouro Preto: Editora da UFOP, 1992

PRESTES, Anita Leocádia. *Os Militares e A Reação Republicana: As Origens do Tenentismo*. PETROPOLIS: VOZES, 1994.

- \_\_\_\_\_. *Uma Epopéia Brasileira: A Coluna Prestes*. SAO PAULO: MODERNA, 1995
- \_\_\_\_\_. *A Coluna Prestes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997
- \_\_\_\_\_. *Luiz Carlos Prestes e A Aliança Nacional Libertadora: Os Caminhos da Luta Antifascista No Brasil (1934/35)*. PETROPOLIS: VOZES, 1997;
- \_\_\_\_\_. *Tenentismo pós-30: continuidade ou ruptura?*. São Paulo: Paz e Terra, 1999
- \_\_\_\_\_. *Da insurreição armada (1935) à "União Nacional"(1938-1945): a virada tática na política do PCB*. São Paulo: Paz e Terra, 2001
- \_\_\_\_\_. (Org.) ; PRESTES, L. (Org.) . *Anos Tormentosos - Luiz Carlos Prestes: correspondência da prisão (1936-1945) Vol. I*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2002;
- \_\_\_\_\_. (Org.); PRESTES, L. (Org.) . *Anos Tormentosos. Luiz Carlos Prestes: correspondência da prisão (1936-1945) Vol.II*. São Paulo e Rio de Janeiro: Paz e Terra e APERJ, 2002
- \_\_\_\_\_. (Org.), PRESTES, L. (Org.). *Anos Tormentosos. Luiz Carlos Prestes: correspondência da prisão (1936-1945) Vol.III*. São Paulo e Rio de Janeiro: Paz e Terra e APERJ, 2002
- \_\_\_\_\_. *Luiz Carlos Prestes: patriota, revolucionário, comunista*. São Paulo: Expressão Popular, 2006
- \_\_\_\_\_. *Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora: os caminhos da luta antifascista no Brasil (1934/35)*. São Paulo: Brasiliense, 2008
- \_\_\_\_\_. *Uma epopéia brasileira - a Coluna Prestes*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009
- \_\_\_\_\_. *Antônio Gramsci e o ofício do historiador comprometido com as lutas populares*. Revista de história comparada (UFRJ), v. 4, p. 06-18, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Os comunistas brasileiros (1945-1956/58): Luiz Carlos Prestes e a política do PCB*. São Paulo: Brasiliense, 2010
- \_\_\_\_\_. *La Columna Prestes*. Havana: Fondo Editorial Casa de las Américas, 2011
- PEREIRA, Matheus Henrique de Faria. *Como (re)escrever a história do Brasil Hoje*. Uberlândia: Revista História e Perspectiva nº 40, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A História do Tempo Presente: do futurismo ao presentismo?* Humanidades (Brasília), v. 58, p. 56-65, 2011
- RICOEUR, Paul. *A história, a memória e o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Tempo e Narrativa: Tomo I*. Campinas: Papirus Editora, 1994.

TV CAMERA - Julho de 2002 (Programa Memórias Políticas: Entrevista com Anita Leocádia Prestes)

VOLTAIRE. *O Pirronismo da história*. São Paulo: Martins Fontes, 2007

ŽIŽEK, Slavoj. *A visão em Paralaxe*. São Paulo: Boitempo, 2008